

GÊNERO E PERFORMATIVIDADE NOS ESPAÇOS DE TREINO DO *PARKOUR*¹

Iorana Raiane Costa Batista ²
Alessandra Vieira Fernandes ³

INTRODUÇÃO

O *parkour* é uma atividade de aventura urbana de transposição de obstáculos, que, assim como outras práticas corporais, apresenta a predominância de homens cis praticantes e a centralidade do capital simbólico associada à masculinidade (WHEATON, 2016). Ainda assim, percebemos a inserção das mulheres nessa modalidade e é comum nos treinos que elas e eles ocupem o mesmo espaço de treino, com o propósito de aprender e se desenvolver nessa prática.

Esse cenário demonstra-se potencial para investigar e compreender as atuações das/os praticantes e as relações estabelecidas neste contexto. Portanto, esse estudo objetiva analisar a constituição dos espaços de treino de *parkour* por mulheres e homens praticantes, na perspectiva das relações de gênero. Para tanto, considera-se a perspectiva teórica de Judith Butler que aponta a categoria “gênero” um ato intencional, cujos gestos e atuações são performativos, no sentido de que a essência ou identidade são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos ou outros meios discursivos (BUTLER, 2003).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo caráter exploratório de cunho qualitativo. Os dados foram coletados a partir de entrevista semiestruturada e diários de campo de observação não-participante. A amostra da entrevista, selecionada de forma intencional, foi composta por 16 praticantes de *parkour* (08 mulheres e 08 homens cis gênero). A observação foi efetivada em três treinos coletivos em diferentes estados brasileiros. Os dados foram analisados por meio de análise de similitude no software IRaMuTeQ e pelo Método Fenomenológico (BOEMER, 1994). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética⁴ e as/os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de similitude possibilitou identificar as coocorrências entre as palavras, a fim de trazer as indicações da conexão entre as mesmas, contribuindo na identificação da estrutura da representação sobre os espaços de treino no *parkour*.

O termo “treino” apresentou forte associação com o termo “homem”, o que pode ser atribuído à representação do predomínio de praticantes homens *parkour* (WHEATON, 2016). Esse cenário é reproduzido nas demais modalidades de aventura (*surf*, *skate* e montanhismo), nas quais a relação é de 6 homens para cada mulher praticante no Brasil. Denota-se que as características dessas atividades ainda são associadas à performatividade do corpo masculino

¹Esse estudo contou com apoio financeiro da CAPES para sua realização.

²Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - PB, yorrana5h@gmail.com;

³Graduada em Psicologia, Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá - PR, alessandrafernandes@unipar.br.

⁴CAAE: 59826016.5.0000.0104

diante do imaginário relativo à força, risco, potência e virilidade (CHEUNG; HALPERN, 2010).

Os elementos “falar”, “olhar”, “ficar”, “melhor” e “conhecer” foram associados aos meninos, enquanto que os termos “parar”, “chegar”, “perceber”, “estar” nos treinos no sentido de “iniciar”, “atrapalhar”, “tentar” e compreender o básico foram relacionados às mulheres. É possível denotar que essas associações remetem à uma atuação dos homens, que podemos designar como “mais ativa”, ao comparar o que foi representado às mulheres, o que reproduz os papéis hegemônicos de gênero ao salientar uma hierarquia dentro dos espaços de treino.

As diferenças de atuação mulheres e homens na modalidade, inferidas a partir da análise de similitude e constatadas nessas representações, foram averiguadas e aprofundadas pelo método fenomenológico. A partir das unidades de significado (US) identificadas nas falas das/os participantes, foram obtidas duas categorias: 1) A hegemonia dos homens no *parkour* e suas implicações; 2) Dificuldades enfrentadas pelas mulheres nos espaços de treino.

A hegemonia dos homens no *parkour*

Observamos que a predominância de homens praticantes, o tipo de treino e a movimentação apresentadas por eles lhes atribuem um “poder” dentro desses espaços. Na percepção das/os praticantes é consensual que as características dos treinos são direcionadas aos homens. Os treinos têm ênfase nas potencialidades e dificuldades desse público, articulam os desafios e as movimentações que a maioria consegue realizar, adjetivadas como “assustadoras”, “altas”, “mais longe”. Esses aspectos nas falas das/os praticantes, (principalmente dos homens) legitimam a desigualdade na movimentação e habilidades entre homens e mulheres. Essa diferenciação é justificada pela naturalização biológica da “força” associada ao corpo masculino. Tal naturalização foi construída e disseminada por argumentos científicos ao longo do século XIX para explicar diferenças sociais, sendo integradas nas atitudes e no comportamento das pessoas, tornando-se uma realidade material (HAGREAVES, 1994). Conforme Butler (2003), a performatividade como elemento de agência do gênero deve ser inscrita no espaço social geral, tornando naturais tais apresentações corporais. Assim, esse campo das práticas corporais possibilita refletir sobre a constituição das identidades de gênero circunscritas centralmente por essas representações de corpo e sexualidade, pois, sua história esteve vinculada a determinismos biológicos e estabeleceu práticas peculiares a homens ou a mulheres com base em suas características físicas, afetivas e cognitivas, assim como nas expectativas de comportamento (ARAÚJO, 2015).

Na maioria dos treinos observados, os homens, em pequenos grupos, ocupavam quase todo o espaço de treino, enquanto que as mulheres presentes geralmente estavam reunidas em um único espaço. Poucas delas, “sozinhas”, arriscavam tentar outros movimentos em outros locais ou se inserir nos espaços dos meninos, o que permite-nos refletir que a apropriação e o uso do espaço por homens e mulheres são desiguais no *parkour*.

Dificuldades enfrentadas pelas mulheres nos espaços de treino

A participação das mulheres nos espaços de treino é caracterizada pela exclusão e pela falta de espaço, simbólico e geográfico. Como indica Wheaton (2016), os homens comumente definem, usam e controlam o espaço no *parkour*. As meninas, geralmente, ocupavam uma pequena área do espaço de treino, enquanto os meninos usufruíam da maior parte dele, além de que “invadem” as áreas onde as meninas treinavam. Altmann (1998) ao investigar estudantes também verificou que os meninos, além de ocuparem mais espaço, invadem e interrompem as meninas em seus jogos e práticas.

No *parkour*, como os homens constituem a maioria dos praticantes, é possível pensar que, por isso, eles demandam mais espaço, o que justificaria a dominação e apropriação dele. Todavia, o que se percebe nas falas e nas observações é que eles não possibilitam que as

meninas também ocupem outros espaços, onde eles treinam, além de, por vezes, dominarem os espaços ocupados por elas.

O cenário do *parkour*, em consonância com outros estudos da literatura, demonstra a apropriação/ocupação desigual do espaço entre homens e mulheres, o que se reproduz nos demais âmbitos da sociedade. O espaço, enquanto produto social, por ser genericado contribui para que eles e elas se “situem” de modo diferente no mundo, assim como suas relações com os lugares nos quais desenvolvem suas vidas (REIS, 2015).

Percebemos que mulheres e homens constroem/usam um lugar diferenciado, por vezes disputam/negociam por ele, e, assim, vivenciam a prática sob diferentes lógicas espaciais de organização; assim, o espaço é configurado a) pela dominação dos homens, b) pelo agrupamento e ocupação restrita das mulheres e c) pela disputa de espaço.

Também nota-se nos discursos que as mulheres acabam sendo excluídas de determinados treinos, principalmente dos treinos em lugares que iriam exigir mais habilidades físicas e mentais, como produto de uma representação social que associa, naturalmente, a “fragilidade” à mulher. Como argumenta Connell (1995), as performances corporais no esporte são usadas para efetivar e simbolizar as relações sociais de gênero que incluem a hierarquia entre os homens e a exclusão das mulheres.

As evidências apresentadas apontam e ilustram as diferenças como homens e mulheres atuam e ocupam os espaços de treino, distribuídos em dois polos, onde um representa o poder/dominação sobre os espaços e o outro referente à pouca resistência das mulheres nesse contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar como as/os praticantes constituem os espaços de treino do *parkour*, diante da perspectiva de gênero, foi possível compreender como se configuram as relações de poder nessa prática e identificar que a hierarquia de gênero demanda uma “negociação” desses espaços. As construções culturais associadas à masculinidade e à feminilidade legitimam um “poder” aos praticantes para se apropriar e gerenciar esses espaços, reforçando relações e papéis hegemônicos de gênero. Tal contexto sugere empoderar e reclamar às mulheres sobre o direito de confrontar posturas dominantes e reivindicar seu espaço.

Palavras-chave: Gênero, Esporte, Atividades de Aventura, Corpo, Espaço.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física*. 1998. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ARAÚJO, K. T. *Representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres: intersecções entre gênero, corpo e sexualidade*. 2015. 218p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2015.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CHEUNG, F. M.; HALPERN, D. F. Women at the top: Powerful leaders define success as work family in a culture of gender. *American Psychologist*, v. 65, p. 182-193, 2010.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Reino Unido: Polity Press, 1995.

REIS, M. L. Uma análise feminista da produção do espaço. *Espaço e Cultura*, n. 38, p. 11-34, 2015.

THORPE, H. Bourdieu, Gender Reflexivity, and Physical Culture: a case of masculinities in the snowboarding field. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 34, n. 2, p. 176-214, 2010.

WHEATON, B. Parkour, Gendered Power and the Politics of Identity. In: THORPE, H.; OLIVE, R. *Women in Action Sport Cultures*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016, p. 111-132.